

PRESENÇA E ALTERIDADE MEDIADORAS EM POESIA

Maria Luiza Berwanger da Silva
UFRGS

"Sentir-me-ei em tua presença como o primeiro homem que se ia apoderando de todas as formas desconhecidas", diz João Cabral de Melo Neto em *Primeiros Poemas* (1937), remetendo à poeticidade da presença em Maurice Blanchot que fixa, na intersecção com a pintura de Lascaux, a matriz primeira, o ponto de origem do nascimento artístico, completando-se e explicitando-se na própria definição de imagem colhida de Blanchot:

"l'essence de l'image est d'être toute dehors, sans intimité, et cependant plus inaccessible et mystérieuse que la pensée du for intérieur; sans signification, mais appelant la profondeur de tout sens possible; irrélée et pourtant manifeste, ayant cette présence-absence qui fait l'attrait et la fascination des Sirènes"¹.

Desse modo, pois, ocultamento e revelação, percepção fugidia que extrai da alternância com a ausência a singularidade da figuração, o jogo entre presença e ausência doa ao sujeito a revisitação da memória, prática que, se o olho modela, a mão percebe, no metaforismo da cera, o enigma da presença na ausência, caminho esse demarcado por Platão no diálogo intitulado *Teeteto*.

¹ BLANCHOT, Maurice. *L'espace littéraire*. Paris: PUF, 1955. p.349.

Na releitura desse diálogo por Paul Ricoeur, na obra *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli* (Paris, 2000), a decifração do simbolismo da cera permite agregar à mediação efetivada pelas frisas de Lascaux, em Blanchot, um conjunto de traços, sinais ou marcas residuais sulcados na cera, indicadores de um percurso outro, diverso mas paralelo, como que o de uma figura em negativo desenhando-se e multiplicando-se no fundo de uma presença cuja emergência, ao subverter planos de uma mesma imagem, diminui a distância entre o Mesmo e o Outro:

"Cada um de nós é a medida do que é e do que não é (...) na alma há um cunho de cera (...) sempre que queremos lembrar-nos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado, calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela as gravamos em relevo, como ocorre com os sinetes dos anéis (...) do que fica impresso temos lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem",

como o sublinha Platão no diálogo *Teeteto*, demarcando a atividade do sujeito pelo projeto de recuperação da Ausência configurada, pois, como convergência de faces diversas insinuadas à superfície textual (ou Presença)².

Matizes da poeticidade da cera inscrita nesse diálogo do filósofo grego ressurgem no Prefácio ao *Livro Póstumo* do simbolista sul-rio-grandense Felipe d'Oliveira (1925). Sublinham a fisionomia do sujeito como agente mediador de sucessivas reescrituras que garantem a continuidade da produção artística justamente pelos modos de aproximação e de distanciamento estabelecidos com o molde, matriz ou cera vistos como figuras do Estrangeiro propostas ao Mesmo. Nas palavras do poeta gaúcho:

"Cada forma, real ou abstrata, só se liberta quebrando-se o molde. O molde partido se dilui, se funde, se refunde, se concretiza de novo com contornos novos para formas novas. A relação entre a dinâmica da inteligência e o pensamento é igual à da cera e do bronze

² PLATÃO. *Teeteto* – Crátilo. In: NUNES, Benedito (Org.). *Diálogos de Platão*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. v. IX, p.88.

das estátuas. A mesma cera servirá para moldagens futuras (...). Toda obra da inteligência é uma sobrevivência"³.

Desse modo, a poesia colhe do eixo Presença/Alteridade uma certa cartografia do imaginário que relembra a reflexão do filósofo Jean-Paul Sartre, quando diz:

"L'acte d'imagination est un acte magique. C'est une incantation destinée à faire apparaître l'objet auquel en pense, la chose qu'on désire, de façon qu'on puisse en prendre possession. Cette incantation équivaut à une annulation de l'absence et de la distance"⁴.

Tal reflexão permite desvelar formas ou lugares memoriais, "danse en face de l'irréel", como o diz Sartre, proporcionando ao sujeito a sedução do efeito da mágica captado do prazer de decifração de um enigma, o da ausência contido na presença. Nesse sentido, acerta Roland Barthes ao condensar nas pinturas de Arcimboldo, entrecruzamento de elementos díspares, de mitos e símbolos em contraponto, o desenho de uma imagem, a do "óbvio" e a do "obtusos" harmonizados. A mediação com que a pintura e a filosofia brindam a literatura permite retornar ao verso-síntese de João Cabral ("Sentir-me-ei em tua presença como o primeiro homem que se ia apoderando de todas as formas desconhecidas"), onde o desejo de incorporação e de assentamento mascara a própria inclinação à continuidade e à migração em busca do novo, nova vida ou figuração paradoxal do lugar último como

³ OLIVEIRA, Felipe d'. *Obra completa*. Porto Alegre: IEL/UFSC, 1990. p.178.

⁴ SARTRE, Jean-Paul. *L'imaginaire*. Paris: Gallimard, 1940. p.249.

fábula do lugar primeiro ressimbolizado. Antecipando-se à produção inaugural de *Pedra do Sono* (1940-1941), essa imagem cabralina já tece o itinerário poético dos poemas agrupados em torno dos "cemitérios (pernambucano, alagoano, paraibano, na cordilheira, gerais e metropolitanos"), constelação de poemas que, se de um lado rememoram o *Cimetière Marin* de Paul Valéry, de outro, reescrevem o território do Outro conquanto deslocam a incidência do olhar, sobrepondo a energia de transformação da terra à do mar:

"É mais prático enterrar-se
em covas feitas no chão:
ao sol daqui, mais que covas,
são fornos de cremação.
.....
onde enterrar certas coisas
para, queimando-as, fazê-las:
assim, o tijolo ainda cru,
as pedras que dão a cal
ou a capoeira raquítica
que dá o carvão vegetal
.....⁵,

como se essa geografia de lugares nomeados abrigasse, ao mesmo tempo, espaço circunscrito e espaço aberto, fim e recomeço, palavra e silêncio em constante hesitação e errância diante da surpresa do novo, sorvida da diferença.

"Ce toit tranquille, où marchent des colombes,
Entre les pins palpite, entre les tombes;
Midi le juste y compose des feux
La mer, la mer, toujours recommencée!"⁶,

diz Paul Valéry, celebrando a brisa marinha reiterada, mas fertilizada, nos cemitérios de João Cabral, pela força da terra. O rude e o agreste reacendem na paisagem o mito do eterno recomeço; relembram, ao mesmo tempo, a fundação da arte no rastro de Lascaux,

⁵ MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995. p.246.

⁶ VALÉRY, Paul. *Oeuvres I*. Paris: Gallimard, 1957. p.147.

citado por Blanchot, e os resíduos inapagáveis da memória em Platão, frisas picturais ou cera (e argila) do sopro de vida, buscando, a cada passo, na intimidade da escritura poética, o eco da voz que a gerou: guardar, velado, o prazer do enigma ou do segredo significa demarcar fronteiras, confundir morte e vida singularizadas pela consciência da escassez e da precariedade em inclinação lírica que desdobra, lucidamente, e aos olhos do leitor, a placidez da paisagem valéryana.

Nuanças de ritmos representativos do agreste tropical e regional cadenciam o movimento textual do retorno aos lugares matriciais reconfiguradores da memória. Eixo, pois, que reinventa a palavra poética, a Presença do Outro como Ausência decifrada, ao fazer convergir o olhar sobre o imaginário local, investe na mediação da Presença/Alteridade como agente disseminador do literário a campos outros do valor artístico e não-artístico. Na presente amostragem, a intersecção do diálogo *Teeteto* de Platão e do *Cimetière Marin* de Paul Valéry com a produção de João Cabral traduz uma das possíveis mediações que o par Presença/Ausência, uma e outra figuras da Alteridade, concede à Poesia.

Em síntese, a leitura simbólica da Presença recompõe a passagem do texto ao transtexto estético e cultural deixando-se modelar pela percepção do Diverso revisitado pelo Uno, "Múltiplas Moradas" dirá Cláudio Guillen (1998), acentuando a fisionomia do sujeito-crítico, plural e disseminado.

Em contínuo refazer, restituem ao literário aquela voz alternada entre ocultamento e revelação, a exemplo do canto das sereias referido por Blanchot e que parece completar seu simbolismo nos versos cabralinos, quando diz:

"Deixa falar todas as coisas visíveis
deixa falar a aparência das coisas que vivem no tempo
deixa, suas vozes serão abafadas.
A voz imensa que dorme no mistério sufocará a todos.
Deixa, que tudo só frutificará
Na atmosfera sobrenatural da poesia"⁷.

Presença e alteridade mediadoras em poesia, pois, como elogio do poético cuja singularidade reafirma-se no deslocamento a espaços outros da produção artística e não-artística.

⁷ MELO NETO, João Cabral de. Op. cit., p.807.